

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE CÍCERO TRADUTOR DE POESIA¹



BRUNNO V. G. VIEIRA, JANE K. DE OLIVEIRA

Resumo: No *De optimo genere oratorum* encontram-se as premissas de uma Retórica da Tradução em Cícero (106-43 a. C.), já que ali é prescrito um conjunto de procedimentos discursivos considerados necessários para a eficácia da operação tradutora. Ao reler as ideias de Cícero sobre tradução, este artigo pretende apresentar alguns aspectos teóricos importantes e mostrar sua prática tradutória através do comentário de uma versão de Homero feita por ele.

Abstract: Within the *De optimo genere oratorum* we can find the statements of a Rhetoric of Translation (106-43 B. C.) where Cicero defines a set of discursive rules considered necessary for an efficient translatorial act. As his ideas about translation are reviewed, this article aims to present some important theoretical aspects of Cicero's thought and to display his practice through the commentary of a short excerpt from Homer translated by him.

Entender o *De optimo genere oratorum* como um primevo manual de tradução não é apenas especulação de leitores modernos. A Antiguidade já lhe prestava esse tratamento. Desde o pagão Horácio² ainda no século I a. C. até o cristão Jerônimo (c. 340-420) podem ser encontrados rastros do pensamento tradutório ciceroniano. Esse último na *Epístula a Pamáquio*, ou *De optimo genere interpretandi*, manifesta ter em consideração que as premissas tradutórias do *De optimo genere oratorum* constituem uma espécie de manual ao se referir a Cícero como *magistrum huius rei*, “mestre deste assunto [i. e, de tradução]” e à matéria ali tratada como *sermo*, na acepção de “discussão sobre um tópico literário, científico” (*Ad Pammachium*, 5).

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada por um dos autores, Brunno V. G. Vieira, como comunicação oral no 54º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) em 2006. À época, a análise do texto grego contou com a colaboração prestimosa da Prof. Dra. Jane Kelly de Oliveira (UEPG), a segunda autora deste texto, e do Prof. Dr. Fernando Brandão dos Santos (UNESP).

² Cf. *Ars Poetica*, 133-4: *nec uerbo uerbum curabis reddere fidus/ interpres*, “nem cuidarás de traduzir palavra por palavra como tradutor fiel”.

É fato. Cícero expõe ali sua *regula*, “seu modelo” do *uertere* em latim, capaz, segundo imagina, de produzir um exemplar do estilo ático em língua romana. Ao que se pode depreender de sua exposição, o êxito na tradução dos oradores áticos, que como *regula* poderia ser estendido às traduções de modo geral, estaria condicionado ao menos a três regras, comecemos pelas que encerram o opúsculo:

- 1.a – servir-se das qualidades todas [do texto de partida], aquelas presentes nas ideias, seja no tocante às figuras de linguagem, seja na sua concatenação;
- 2.a – perseguir até mesmo suas palavras, na medida em que elas não se distanciem do nosso uso.³

Se não podemos tecer considerações às traduções, hoje perdidas, de Ésquino e Demóstenes⁴, como São Jerônimo o fez chamando-as de *pulcherrimas*, “belíssimas”, restaram-nos, no que ainda o padroeiro dos tradutores identifica como prólogo desses discursos (*prologus in earundem orationum*, cf. *Ad Pammachium*, 5), as regras professadas por ele. Serão elas, aqui entendidas, como uma Retórica da Tradução em Cícero⁵.

Das várias acepções que Barthes atribui ao termo Retórica, a ideia de uma “protociência” nos é aqui interessante. Em suas palavras a Retórica seria “um campo de observação autônomo delimitando certos fenômenos homogêneos, a saber, os ‘efeitos’ de linguagem” (BARTHES: 1975, p. 148). Uma Retórica da Tradução, sob esse prisma, reside na delimitação de certos efeitos de linguagem considerados necessários para a eficácia da operação tradutora. Evidentemente essa “Retórica da Tradução” em Roma não era uma; porém, à medida que nesses assuntos a *auctoritas* ciceroniana legislava⁶, os prolegômenos do Arpinate contribuíram para dar-lhe uma relativa unidade.

³ *Quorum ego orationes si, ut spero, ita expressero uirtutibus utens illorum omnibus, id est sententis et earum figuris et rerum ordine, uerba persequens eatenus, ut ea non abhorreant a more nostro (quae si e Graecis omnia conuersa non erunt, tamen ut generis eiusdem sint, elaborauimus), erit regula, ad quam eorum dirigantur orationes qui Attice uolent dicere* (CÍCERO, *De optimo genere oratorum*, 16). “Se eu tiver expressado o discurso deles, segundo desejo, utilizando-me de suas qualidades todas, – aquelas presentes nos argumentos, seja no tocante às figuras de linguagem, seja na sua concatenação –, e perseguindo até mesmo suas palavras, de forma que elas não se distanciem do nosso uso (se não traduzimos todos os termos do grego, estivemos, contudo, trabalhando intensamente para que fosse mantido o mesmo gênero), eis que teremos aqui um modelo, para se cotejar em os discursos daqueles que quiserem discursar ao modo dos áticos”.

⁴ *Contra Ctesifão* é o discurso de Ésquino, *Oração da Coroa*, o de Demóstenes. Sobre essas peças Cícero trata muito didaticamente no parágrafo 19, apresentando, inclusive, a contextualização histórica e política em que se deu essa causa judicial.

⁵ Devemos muito desse conceito de “Retórica da Tradução” às reflexões de Mauri Furlan no capítulo intitulado “A tradução retórica do Renascimento” que serve de introdução ao Volume 4, dedicado ao Renascimento, dos *Clássicos da teoria da tradução* editados pelo Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução da UFSC (cf. FURLAN, 2006).

⁶ Dizia Jerônimo sobre Cícero (cf. *Ad Pammachium*, 5): *sufficit mihi ipsa translatoris auctoritas* (...), “basta para mim a própria autoridade do tradutor”.

Além de seguir de perto o estilo do texto de partida e, até mesmo suas palavras, um dos efeitos de linguagem mais poderosos dessa retórica da tradução ciceroniana consistia na hipótese teórica da identificação tradutor/autor, como se depreende desta terceira regra que tem foros de mandamento:

- 3.a – traduzir como orador, não como tradutor, conservando o gênero e a força expressiva, não pelo número das palavras, mas pela sua equivalência⁷.

A questão teórica que o termo *orator*, “orador”, coloca é aquela da conveniência entre os gêneros discursivos do texto de partida e de chegada. Para Cícero, diante de um texto oratório é necessário que o tradutor assuma a *persona*, “a máscara”, de *orator*, ou seja, que esteja atento para o *genus* (“estilo”)⁸ e para a *uis* (“força expressiva”)⁹ do discurso praticado no texto de partida (CÍCERO, *De optimo genere oratorum*, 14). Pelo que o texto deixa, se não implícito, pouco desenvolvido, a vertente do *interpretes*, “tradutor”, – a outra vertente possível, ou, para usar uma frase cara à teoria da tradução, “a outra maneira de traduzir” – não se atinha a esse posicionamento teórico.

Nos termos da metalinguagem retórica de Cícero, uma referência a *persona*, “representação” do orador está presente no *Orator*, num passo em que trata do *decorum*, ou seja, da “conveniência” do orador no tocante aos vários sujeitos de enunciação, a saber: quem fala, o que fala, a quem se fala. *At persona alii peccant aut sua aut iudicium aut etiam aduersariorum nec re solum sed saepe uerbo*, “mas outros erram quanto à *persona*, seja relativamente à sua própria, seja a dos juízes ou a dos adversários, não apenas no assunto, mas frequentemente em relação à palavra” (CÍCERO, *Orator*, 72). Note-se que Cícero considera um erro o fato de não se atentar à conveniência quanto aos sujeitos envolvidos na enunciação do discurso.

⁷ É bom que digamos, como o leitor atento pode verificar pela paragrafação do editor, que esta seria a primeira regra na ordem de Cícero. Todavia, como as anteriores parecem caber dentro dessa maior, tomamos a liberdade de tomá-las como premissas desta. *Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; nec conuerti ut interpretes, sed ut orator, sentiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui*. “Traduzi, então, os discursos oratórios notáveis e contrários entre si de Ésquino e Demóstenes, dois dos mais eloquentes oradores dentre os áticos. E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador”, usando os mesmos argumentos, tanto nas suas formas quanto nas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o estilo das palavras e sua força expressiva”. (CÍCERO, *De optimo genere oratorum*, 14).

⁸ A tradução de *genus* aqui por “estilo” é por força de mantê-la palavra por palavra. De fato, no próprio *De optimo genere oratorum*, usa-se *genus* ao menos com três sentidos: “grandes gêneros literários” (*genera oratorum* em oposição a *genera poetarum*, cf. cap. 1, “gênero de orador”, “gênero de poetas” nesse último ele cita os subgêneros); “gênero de elocução”, aqui talvez a acepção mais próxima a “estilo” (*genus graue...medium...tenue*, cf. cap. 1, “gênero elevado, mediano e baixo”); “gênero das causas” (*genus causarum*, cf. cap. 9, isto é, judiciário, deliberativo e demonstrativo).

⁹ Lausberg (1993, p. 181, na tradução de Rosado Fernandes) verte por “força semântica”.

A atenção dada a *persona* do tradutor é muito mais produtiva em termos teóricos do que a objeção ciceroniana ao “palavra por palavra” (*uerbum pro uerbo*), tão banalizada e mal compreendida¹⁰. A ideia de traduzir oratória como orador está um passo à frente da mera tradução do conteúdo. Ela vai além da interpretação feita por Jerônimo segundo a qual traduzir, para Cícero, se resumiria ao “sentido” (*sensum de sensu*, cf. *Ad Pammachium*, 5)¹¹, uma vez que a teoria ciceroniana envolve duplamente as instâncias da forma (*genus uerborum*, 5) e do conteúdo semântico (*uis*): *genus omne uerborum uimque seruaui* “mantive todo o estilo das palavras e sua força expressiva”. Esse é um dado interessante dessa retórica que tem ecos (mais ou menos indiretos) em muitas reflexões tradutológicas ainda vigentes atualmente, como aquelas de Brodsky e Valery¹².

As versões de poesia grega¹³ feitas por Cícero ajudam a entender mais cabalmente os limites de sua Retórica da Tradução. Em relação a elas podemos nós mesmos tirar nossas conclusões. Atinando para essa ideia de *persona* acima descrita, Cícero parece ter traduzido poesia com procedimentos de poeta, servindo-se inclusive do recurso da metrificacão para traduzir: hexâmetros no caso da épica homérica, jambos nas versões dos trágicos gregos. Tais escolhas constituem índices de que o comprometimento, por um lado, com o estilo e com a força expressiva do texto de partida, por outro, com a *persona* do tradutor pode ser estabelecido como pedra de toque da concepção tradutória ciceroniana.¹⁴

¹⁰ Uma das críticas mais contundentes à postura tradutória de Cícero consiste em taxá-la ideologicamente sob o rótulo de etnocentrismo (BERMAN: 1985, p. 48 e ss.). Embora aos nossos olhos modernos esse enquadramento tenha uma certa lógica, mesmo com sua insuspeita carga de anacronismo, preferimos ler a Retórica de Tradução de Cícero pela historicidade que presta às reflexões tradutórias de todos os tempos. A eleição da tradução como *orator* – ou mais claramente via Jerônimo preservando o “estilo vernáculo”, isto é, “caseiro” (*uernaculum linguae genus*, cf. *Ad Pammachium*, 5) – não exclui o modo de tradução como *interpres*, isto é, *uerbum pro uerbo* do horizonte das práticas possíveis.

¹¹ Isso é o que nos parece a partir da oposição entre *uerbum* e *sensus* que Jerônimo faz nesses termos: *Ego enim non solum fateor, sed libera uoce profiteor me in interpretatione Graecorum absque scripturis sanctis, ubi et uerborum ordo mysterium est, non uerbum e uerbo sed sensum exprimere de sensu (Ad Pammachium, 5)*. “Eu não apenas confesso, mas profiro sem meias palavras que na tradução dos gregos – à exceção das Sagradas Escrituras, nas quais também a ordem das palavras é um mistério – eu não verto palavra por palavra, mas sentido de sentido”. Note-se que Jerônimo admite a literalidade quando se trata de textos sacros.

¹² “[A tradução] requer ao menos uma afinidade estilística, quando não psicológica” (BRODSKY: 1994, p. 84). “O trabalho de traduzir, conduzido pela preocupação de uma certa aproximação da forma, nos faz de todo modo procurar encaminhar os nossos passos sobre os vestígios dos passos do autor (VALERY: 2004, p. 205).

¹³ Cícero, em seus tratados filosóficos da maturidade, servia-se constantemente da citação de autores gregos em tradução latina. Esses textos serviam de exemplos (*exempla*) às suas argumentações, segundo convinha aos princípios da melhor oratória: *studiose equidem utor nostris poetis; sed sicubi illi defecerunt/, verti enim multa de Graecis, ne quo ornamento in hoc genere disputationis careret Latina oratio*, “Esforço-me por usar nossos poetas, mas quando eles faltam, traduzi, pois, muitos textos dos gregos, para que o discurso latino não fique desprovido de tal ornamento nesse gênero de controvérsia (*disputatio*) (CÍCERO, *Tusculanae Disputationes*, II, 26)”

¹⁴ É necessário declarar que essa asserção não é em absoluto peremptória. Está ainda por se fazer uma análise detida de cada uma das traduções de Cícero e do contexto em que ocorrem, para poderemos operar de modo mais incisivo as modulações desse conceito de *persona* relativamente a todo o

Vejamos mais de perto a prática tradutória de Cícero, num excerto de Homero citado nas *Tusculanae Disputationes*. Procuraremos resenhar, certamente de modo mais breve do que desejaríamos, alguns traços da leitura poética que Cícero fez de Homero em sua tradução. Servimo-nos da tradução de Haroldo de Campos no caso de Homero e de uma versão poética nossa no caso de Cícero, para serem usadas como intermediário para leitores não classicistas:

λίην γὰρ πολλοὶ καὶ ἐπήτριμοι ἤματα πάντα
πίπτουσιν· πότε κέν τις ἀναπνεύσειε πόνοιο;
ἀλλὰ χρὴ τὸν μὲν καταθάπτειν ὅς κε θάνησι
νηλέα θυμὸν ἔχοντας ἐπ' ἤματι δακρῶσαντας·
(HOMERO, *Iliada*, XIX, 226-9)

Mortos, todos os dias, estes após aqueles
tombam. De tanto luto, quando tomar fôlego?
É preciso enterrar os defuntos com firme
coração, e pranteá-los por um dia – um só.
(HOMERO, *Iliada*, XIX 226-9, trad. H. de Campos)

Nāmquē nīmīs mūlītōs āt|que_ōmnī|lūcē cā|dēntīs
cērnīmūs, |ūt nē|mō pōs|sīt mē|vrōrē uā|cārē.
Quō māgīs| ēst āe|quūm tūmū|līs mān|dārē pē|rē|emptōs
fīrmō_ā|nīmō_ē|lūctūm|lācrīmīs fī|nīrē dī|ūrnlīs.

Pois multidões sem conta, e em plena luz, caindo
vemos, que se isentar de pena ninguém pôde.
Quão mais justo era à terra dar os trucidados
bravamente e findar a dor em diurnas lágrimas.

Não satisfeito com o sentido geral de Homero, nem tampouco com uma paráfrase prosaica, Cícero propõe uma leitura da forma do poema homérico a partir de uma versão em hexâmetros, que, embora se distancie em alguns aspectos pontuais do conteúdo, atenta para equivalências dos extratos sonoros e do *design* sintático do original, ou seja, no geral, busca transmitir o *genus* e a *uis* homéricos.

No primeiro verso do excerto, a quantidade extremada de mortos expressa pelo advérbio λίην, “demasiadamente”, e pelos adjetivos πολλοὶ, “muitos” e ἐπήτριμοι, “cerrados” em coordenação, recebe em latim o inusual composto *nimis multos* “bastante numerosos”, ainda que a redundância da justaposição dos adjetivos gregos se perca (cf. nota 5 de Soubiran, CICERÓN, 1964, p. 269).

O *enjambement* performativo no texto de partida presente na quebra de verso imediatamente após πάντα, lançando abaixo o verbo πίπτουσιν, que significa “tombar” se perde – recurso logopeico habilmente reencenado na versão de Campos, “mortos...estes após aqueles/tombam”. O tradutor latino tenta compensá-lo de alguma forma com a aliteração em /k/ que ressoa no verso como um todo, *NamQue...atQue...luCe Cadentis/Cernimus*, reelaborando a aliteração em /p/ exa-

corpus ciceroniano. Essa *persona* de poeta, por exemplo, pode ser uma mera voz ancilar ao discurso do orador, o que procuraremos desenvolver em futuros trabalhos.

tamente nas cinco vezes em que ela é delongada no texto de partida (cf. Πολλοὶ καὶ ἐΠήτριμοι ἦματα Πάντα /Πίπτουσιν).

Cícero, atento à nuance estilística do termo poético ἦματα, verte-lhe por *luce*, termo metafórico em latim em oposição a *dies*, que seria o termo próprio. Mas *omni luce*, diferentemente de ἦματα πάντα, parece ser uma construção exótica em latim, praticamente um decalque do grego. Ao idiomático *luce*, “durante o dia”, acrescenta-se o adjetivo *omni*, uma construção raramente usada¹⁵. Chama a atenção a literalidade da tradução dessa locução adverbial em oposição à liberdade presente no restante do verso, mostrando que, mesmo o recurso do *uerbum pro uerbo* (“palavra por palavra”), censurado pelo Cícero teórico da tradução, vez por outra é utilizado.

Após o *cernimus/πίπτουσιν*, o restante do segundo verso é vertido bem mais livremente por Cícero que não segue a potencialidade interrogativa do optativo aoristo, ἀναπνεύσειε junto da partícula enclítica modalizadora κέν, como lemos em Campos “De tanto luto, quando tomar fôlego?” Semanticamente, o tradutor latino também desfaz a metáfora de ἀναπνεύσειε, “respirar”, “tomar fôlego” em relação ao sofrimento (πόνοιο), vertendo-a pelo verbo *uacare*, que tem, por sentido próprio, o significado de “isentar-se de”.

Assim, é sobretudo na sonoridade e no ritmo que se vê presente o texto de partida. A concentração assonântica dos fonemas /a/ e /e/ no fim do verso, através da seqüência *maerore uacare* parece resgatar o par final de Homero ἀναπνεύσειε πόνοιο e sua forte assonância de /a/, /e/ e /o/. Ainda no plano sonoro, no verso grego há uma aliteração principal em /t/ e /p/ e uma secundária em /n/, ao passo que o trabalho sonoro de Cícero parece se concentrar na combinação de /m/ e /r/. Se não estamos ousando um pouco a mais, podemos ver uma interessante nuance métrica na versão ciceroniana que reside na sucessão de sílabas longas na segunda parte: *ūt nēmō pōssīt māerōre uacare*. Essa escolha traz um maior peso na dicção¹⁶ que parece transpor metricamente a solenidade da indagação sobre a dor de perder o fôlego que encontramos em Homero.

No terceiro verso, a omissão da partícula adversativa ἀλλὰ, “mas”, e a escolha de *aequum est* para verter *χρή* denotam marcantes desvios do sentido expresso no texto de partida, uma vez que em latim se adiciona uma nuance de “justiça” que não há em grego. Por outro lado, *tumulis mandare* “à terra dar, enterrar” reencarna o verbo composto κατὰθάπτειν, “enterrar por debaixo de”, reengendrando engenhosamente a aliteração prefixo+radical em /t/ pelas consoantes nasais /m/ do sintagma que o traduz em *tuMulis Mandare*. Por sua vez, *peremptos*, “destruído, trucidado” traduz bastante literalmente ὅς κε θάνησι “todo aquele que morreu”, servindo-se do participio latino por questões de síntese – note-se que isso em nada se distancia da opção de Campos “defuntos”. Novamente a atenção para o extrato fônico deve ser destacada já que a aliteração em /s/ do sintagma (cf. ὅς κε θάνησι) pode ter por par os fonemas /p/ de *PeremPtos*.

¹⁵ Há duas ocorrências da construção em latim clássico. Uma em Sêneca (*Agamemnon*, 473), outra em Estácio (*Siluae*, I, 4, 117-8).

¹⁶ Lembremos que o próprio Horácio já descrevera o espondeu como *tardior...paulo grauiorque* “um pouco mais lento e mais solene” (*A. P.* 255).

No verso que fecha o excerto, as construções participiais νηλέα θυμὸν ἔχοντας e ἐπ' ἡματι δακρῦσαντας são recriadas bastante palidamente em duas frases. A primeira delas inteiramente nominal em latim *firMO animo*, “bravamente”, interpreta com imprecisão a ideia de νηλέα θυμὸν, “coração impiedoso” notadamente visando o homoeteleuco¹⁷ do sintagma latino (*fIrMO_anIMO*).

Também a segunda frase é um bom exemplo de fuga ao palavra por palavra: o que no grego se resolve com um verbo em participio expandido por uma preposição e um nome (ἐπ' ἡματι δακρῦσαντας; “pranteá-los por um dia”), em latim é estendido na frase *luctum lacrimis finire diurnis*.

O tradutor tenta recuperar a nuance de “verter lágrimas” presente em δακρῦσαντας; com *luctum* e *lacrimis* mais uma vez encenando à maneira de Homero um par aliterante em /l/.¹⁸ Se a sonoridade do verso revela-se bastante interessante, o rol dos sentidos fica prejudicado. A ideia de ἐπ' ἡματι, “por um só dia”, perde força na versão já que é necessário usar o verbo *finire* limitado pelo sintagma adverbial *lacrimis...diurnis*. Como fica patente em português na nossa tradução, a escolha de “diurnas lágrimas” parece-nos provisória (se é que não há aí um estranhamento que resulta poético), à vista da escolha mais ousada do próprio Cícero ao verter ἡματα por *luce* no primeiro verso.

Para fazer uma síntese geral, podemos ver que a prática ciceroniana, embora se pautasse fortemente pela recusa do *uerbum pro uerbo*, acolhe em menor escala – é verdade – expedientes literalizantes de acordo com a relativização de sua própria 2ª regra: “perseguir até mesmo suas palavras, na medida em que elas não se distanciem do nosso uso”. No geral, busca-se recuperar os traços poéticos do original, mormente o extrato sonoro, mas por vezes o ritmo. A poeticidade em latim, ou seja, a manutenção do *genus* é programaticamente buscada, mas, às vezes, isso acarreta em perda da força expressiva (*uis*) que depreendemos do texto de partida.

Os espíritos mais retoricizados podem encontrar nos termos próprios da Retórica da Tradução da Antiguidade algum jargão técnico que por questão de fluência evitamos empregar aqui. Quando Jerônimo se recusa a analisar mais detidamente as traduções ciceronianas de Ésquines e Demóstenes por falta de oportunidade (*non est huius temporis dicere*), ele se serve de aspectos relevantes que tentamos lançar mão nesta nossa resenha do trecho traduzido de Homero. Os itens que Jerônimo poderia mapear e não o fez são: *quanta in illis [orationibus] praetermiserit, quanta addiderit, quanta mutauerit, ut proprietates alterius linguae suis proprietatibus explicaret, non est huius temporis dicere*. “Quantas coisas nesses discursos [Cícero] teria negligenciado, quantas adicionado, quantas alterado, para interpretar (*explicaret*) as propriedades da segunda língua nas propriedades da sua”. Nossa breve leitura desse trecho de Homero arrisca fornecer com alguns milênios de atraso – não obstante os erros que a imperícia e a vetustez do(s) texto(s) possa(m) ter provocado – uma resenha de Cícero que pudesse reparar minimamente o lamentável silêncio de Jerônimo sobre a prática tradutória de seu “mestre”.

¹⁷ *Homeoteleuto* é a igualdade sônica dos fins das últimas palavras (LAUSBERG: 1993, p. 214).

¹⁸ Ainda pensando no plano sonoro, mas no verso como um todo, temos em *finire* o /f/ do *firMO* que abre o verso.

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
brunnovgvieira@gmail.com
Universidade Estadual de São Paulo (Araraquara)

Jane Kelly de Oliveira
aneoliveira77@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Referências bibliográficas

- BARTHES, R. "A retórica antiga". In: COHEN, J. et alii. *Pesquisas de Retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BERMAN, A. *Les tours de Babel*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1985.
- BRODSKY, J. "O filho da Civilização". In: _____. *Menos que um: ensaios*. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CICÉRON. *Orator. De optimo genere oratorum. L'orateur. Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964.
- _____. *Aratea. Fragments poétiques*. Texte établi et traduit par Jean Soubiran. Paris: Les Belles Lettres, 1972.
- _____. *Tusculanes*. Texte établi par G. Fohlen et traduit par J. Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1970. Tome I
- _____. *Tusculanes*. Texte établi par G. Fohlen et traduit par J. Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1968. Tome II
- FURLAN, M. "A tradução retórica do Renascimento". In: _____. (Org.) *Clássicos da Teoria da Tradução: Renascimento*. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006. p. 15-45.
- HOMER. *Homeri opera in five volumes*. Ed D. B. Monro and T. W. Allen. Oxford, Oxford University Press: 1920.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. de H. de Campos. São Paulo: Arx, 2003. 2 Vol.
- JERÓNIMO. *Cartas* – Edición bilingüe. Introd., trad. e notas D. R. Bueno. Madrid: Ed. Católica, 1962.
- LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Trad. de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- VALERY, P. "Variações sobre as *Bucólicas* de Virgílio" [Trad. Paulo Schiller]. In: FAVERI, C. B. de; TORRES, M.-H. C. (Orgs.) *Clássicos da teoria da tradução francês-português*. Vol II. Florianópolis: Núcleo de Tradução, 2004. p. 188-217.
- VIEIRA, B. V. G. Cícero e seu projeto tradutório. *Caliope*, v. 15, p. 23-35, 2006.